

ROCCOJHIA

LUIZA TRIGO



AS VALENTINAS

• UMA HISTÓRIA DE MEUS 15 ANOS •

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





LUIZA TRIGO



AS
VALENTINAS



ROCCO ITALIA

SUMÁRIO

Orgulho e Preconceito

Eu Odeio o Dia dos Namorados

Ritmo Total

O Lado Bom da Vida

Créditos

A Autora

ORGULHO E PRECONCEITO

Abri a porta e marchei para fora do apartamento. Aquele, para mim, era o pior dia do ano. Mas eu estava pronta para esquecer um pouquinho disso e presentear os meus pais, pois eles mereciam. Este ano eles entraram duas vezes na fila para o prêmio de melhores pais e ganharam nas duas! Eles fazem tanto por mim que uma surpresa seria o mínimo que eu poderia fazer por eles.

Saí do prédio já com o celular na mão, procurando a trilha sonora da ida para a escola. Nada romântico e meloso, por favor! Parei, um pouco enfurecida comigo mesma.

Será que só tenho música mimimi?

A maldita da TPM sempre mexe com os meus nervos. *Lily Allen!* Ufa! Já estava pensando em ir para a escola em silêncio. Seria muito estranho, afinal, eu não vivo sem música.

Estava distraída, os olhos grudados na tela do meu celular, quando uma rosa vermelha surgiu na minha frente. Dei um pulo para trás com o susto, quase tive um #ataquedocoração.

Quem está me dando uma flor logo hoje? Um admirador secreto?

Por uma fração de segundo, fiquei confusa só por essa ideia ter passado pela minha cabeça. Olhei para a frente e lá estava o Bruno, rindo da minha cara. Ele sabe muito bem o que esse dia me causa.

– Muito engraçado! Rá, rá, rá! – falei, puxando a rosa da mão dele e indo em direção à lixeira mais próxima.

– Ei, não! Não precisa jogar fora! Ela não fez nada para você – ele disse, e tirou a rosa da minha mão com uma expressão de surpresa. – É só uma brincadeira. – E abriu um sorriso do jeitão de sempre, me fazendo rir.

Bruno sabia me deixar irritada e feliz no mesmo minuto. Acho que os melhores amigos são todos assim. Eles sabem como tirar a gente do sério, mas também nos alegram como ninguém.

– Prefere que eu jogue você no lugar dela? – perguntei, implicando com ele.

– Ah, Bia, deixa disso, vai? Está de TPM?

Ele me zoou, e eu cerrei os olhos para ele. Bruno sabia identificar meus dias ruins.

– É só uma flor. O que ela tem de mau?

– Não é a flor, Bruno! É o dia. Não serve para nada.

Voltei para a minha mágoa profunda e desesperadora, que para alguns era #recalque. Sempre fui muito dramática.

– Eu não te entendo. – Ele correu e ficou na minha frente, bloqueando a minha passagem. –

Você é sempre tão romântica...

– Assim eu vou chegar atrasada na escola e você também. Acho que fomos separados de turma por algum motivo, né? Só falta agora a gente matar aula juntos.

Ele voltou a andar ao meu lado.

– Você gosta do Dia de São Valentim. Qual é o problema com o Dia dos Namorados? – ele insistiu.

– Dia dos Namorados é uma data comercial, Bruno! Você é inteligente, sabe disso.

– Sei. E São Valentim não é não?

Parei na mesma hora e coloquei as mãos na cintura.

– Como assim? Você deveria saber disso.

– Por que eu deveria saber? – Ele imitou a minha pose, me deixando nervosa.

– Pare de debochar de mim, Bruno! – Eu detestava quando ele fazia isso, parecíamos duas crianças do pré-escolar.

– Você é que está debochando de mim. Eu só te fiz uma simples pergunta e você quase me chamou de burro por não saber a resposta.

– Você é um menino culto. Não achei que eu tivesse algo a te ensinar – zombei, e ele fechou a cara.

– Ah, Bia! Você me ensina coisas todos os dias e me apresenta milhões de outras. Você está é revoltada porque não tem namorado para passar o dia de hoje.

Não voei no pescoço do Bruno porque sei que ele queria só me provocar, o que consegui. Parei um instante para respirar e antes de voltar a caminhar dei um tapa na cabeça dele.

– Ei! – ele reclamou.

– É para você aprender a não ficar me zoando – disse quando chegamos finalmente ao ponto de ônibus.

– Eu só queria entender... Mas tá bom. – Bruno pegou o celular. – Vou conversar aqui com o meu amigo Google. – Ele fez uma cara de pobre coitado e eu revirei os olhos e disse:

– É óbvio que o Dia de São Valentim não é como hoje. É uma homenagem a um bispo da época de... – Eu parei para pensar, mas minha memória não é boa. – De algum imperador! Esse imperador proibiu o casamento durante a guerra, mas São Valentim era contra a ideia e a favor do amor, então celebrava a união de casais em segredo. Quando o imperador descobriu, mandou prender o bispo. Durante o período em que esteve preso, ele recebia muitas flores e cartas de jovens apaixonados, mas o que ele não esperava era se apaixonar por uma menina que sempre ia visitá-lo. Antes de morrer, deixou uma carta para a amada e assinou “Seu Valentim”. Por esse

motivo é que as pessoas assinam assim os cartões no Dia de São Valentim. – Sorri para o Bruno, que me encarava com olhar incrédulo.

– E você acredita nisso? – ele perguntou, cruzando os braços.

– Pelo menos é uma bela desculpa para presentear alguém. Agora, me conta, qual é a bela desculpa para gastar dinheiro no Dia dos Namorados? – Ele ficou me olhando sem resposta. – Quem escolheu doze de junho? Se fosse no dia treze, seria no dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro. Muito melhor, não acha? – perguntei, brincando.

– Então você odeia essa data porque erraram o dia? – Ele sorriu, me desemburrando.

– Pode-se dizer que sim! E tem mais: no dia de São Valentim, não só casais comemoram, mas amigos e familiares também trocam presentes. É o dia do amor, e não dos namorados.

– Tá bom, Bia! Já entendi.

– Que bom.

Sorri satisfeita por ter vencido a discussão. Na verdade eu sempre vencia todas as discussões com ele, principalmente sobre filmes. Lembro-me muito bem do dia em que tivemos uma megadiscussão sobre a sexualidade do Dumbledore, e o Bruno não quis aceitar que o personagem era gay. Ele só acreditou quando eu mostrei milhões de artigos na internet dizendo que a J. K. Rowling tinha confirmado isso.

– Mas sabe o que eu acho? – ele perguntou com um sorriso debochado. – Você não gosta do dia de hoje porque não tem alguém para compartilhá-lo.

Olho para ele revoltada, mais uma vez querendo socá-lo.

– Oi?

– Ah, Bia! Se você tivesse um namorado não sairia com ele para jantar ou ir ao cinema? Não daria um presente bem bacana para ele?

– Claro que não! Principalmente a última alternativa.

– Bia! – Ele sorriu para mim, me dando novamente a flor.

– Não, Bruno! – Dessa vez não cedi ao sorriso, mas peguei a flor de sua mão.

No fundo eu também achava que a razão da minha revolta era o fato de nunca poder aproveitar a data como ela deveria ser aproveitada. Além do mais, quem era eu para chamar alguém de capitalista ou consumista? Eu, que estava gastando #todoodinheiro dos meus pais com uma festa de aniversário. Mas, pelo menos, seria a festa dos meus sonhos.

EU ODEIO O DIA DOS NAMORADOS

Só tem uma coisa pior do que o Dia dos Namorados: ir à escola nesse dia. Há sempre meninas sfofocando, exibindo bilhetinhos, dividindo caixas de chocolates, sem falar nos casais de namorados que não estão nem aí e que, quando se encontram, trocam beijos apaixonados na frente de todo mundo. Tem também aquelas que ficam suspirando e flertando com os carinhas que nunca vão dar mole para elas. E nesse caso... eu estou incluída! Frustrada.com.

Assim que pisei no colégio vi o Thiago, lindo de morrer, subindo a rampa da escola. Quase tropecei de tão desconcertada.

Por que ele está tão lindo hoje? Especialmente hoje?

Não seria o fim do mundo se ele tivesse me dado a flor. Eu não teria feito todo aquele sermão sobre o quanto esse dia é horrível e ridículo. Aceitaria em paz e ficaria feliz durante o resto da semana.

– Ei! – Bruno me tirou do devaneio com um cutucão. Olhei pra ele envergonhada, era como se ele tivesse lido os meus pensamentos. E provavelmente leu. Ele sabe tudo sobre mim, até mesmo as coisas que não conto. Dá até medo! Eu devia chamá-lo de Sherlock em vez de Bruno.

Ele sorriu sem graça e se despediu com um aceno.

– Obrigada por ter comprado a flor – agradei, sem graça.

– Ah, que nada. – Ele sorriu maliciosamente. – Peça desculpas ao meu pai mais tarde. Ele sentirá falta dela no buquê da mamãe.

Bruno deu as costas e saiu rindo, me deixando de cara. Como ele teve coragem de roubar uma flor da própria mãe? Ri comigo mesma, escondendo-a dentro do meu *Jogos Vorazes*.

* * *

Quando entrei na sala, Thiago estava no fundo conversando com os amigos e ajeitando o cabelo, que de tão comprido caía na testa, formando uma franjinha fofa. Eu gostava dele de qualquer jeito, com ou sem franja, e estava completamente hipnotizada quando seu olhar cruzou com o meu. Baixei a cabeça, sentindo meu rosto ficar completamente roxo, caminhei para a minha carteira de sempre e vi que minhas amigas me olhavam de maneira bem estranha.

– O que foi, Bia? – Carol perguntou, me examinando de cima a baixo.

– Esse dia me deixa muito confusa! – falei, revoltada, me jogando na cadeira.

– Ai, gente! A Bia odeia Dia dos Namorados. Até parece que vocês não sabem. – A Amanda me defendeu.

Respirei aliviada, ela sempre estava do meu lado.

– Ainda essa história, Bia? – Roberta implicou comigo. – Isso é coisa de criança, hein?

– Ou de quem não tem namorado. – Escutei uma voz insuportável vindo de trás e revirei os olhos.

Por que ela tinha que estar escutando a conversa? Ou melhor, por que ela tinha que se meter?

– Alguém te perguntou alguma coisa? – Roberta deu o fora perfeito, e foi a vez da Jéssica de revirar o olhos e sair rebolando, como de costume.

Uma aluna entrou na sala toda contente com um buquê na mão, e a Roberta não se aguentou:

– Gente! Flores são bregas! – ela disse, fazendo cara de nojo.

Roberta era a mais rebelde de nós, supermandona. Era também a que tinha mais atitude no grupo. Suspirei, reprovando sua opinião. Eu podia estar revoltada com o dia, mas era uma #romântica irremediável e achava que receber flores era lindo demais, apesar de não saber cuidar delas.

– Bia, você está me parecendo mais carente do que indignada. Está mudando de opinião muito rápido. Será que você quer um namorado para te acompanhar no dia de hoje? – Roberta falou, fazendo as meninas rirem, e até eu não me aguentei.

– Acho que sim! – assumi, choramingando. – Estou de TPM. Posso ter todos os sentimentos em um só dia – zombei, já ficando alterada novamente com a data. – Como pode um único dia, tão insignificante, me fazer tão mal? – perguntei, enfurecida. – Odeio o Dia dos Namorados – falei, cruzando os braços.

– E se... – a Amanda sorriu para mim – ... fizermos hoje, lá em casa, a Noite das Solteiras? – As meninas rapidamente se aproximaram, querendo escutar mais.

– Opa! Gostei disso! Festa do pijama! – Carol já topou.

– Podemos levar coisas gostosas. Cada uma fica responsável por alguma guloseima – ela disse, esfregando a barriga – e podemos ver milhões de filmes e seriados ou jogar jogos...

– Ou tudo isso! – respondi, me levantando, muito animada.

– Ok! – Amanda falou. – É uma noite só, não é rave e teremos aula amanhã.

– Bom, sábado é sempre noite de filme lá em casa, né? – comentei, tentando resolver o impasse.

– Uma noite de jogos e muita conversa? – Amanda sugeriu, e todas concordaram.

– Duas noites *Just for girls* na mesma semana! Estamos arrasando, hein? – Priscila falou, sentando-se em seu lugar.

Na mesma hora o professor entrou e nos endireitamos na cadeira. Mecanicamente, pegamos o caderno e encaramos o quadro, quase como robôs.

– Ah, Amanda! – cochichei, e ela olhou para mim. – Preciso de você na missão de hoje. – Ela sorriu, o que para mim era a confirmação de que estava dentro.

Minha escola inventou que duas vezes por semana teríamos uma matéria chamada “projeto Mespecial”, com apresentações em junho e novembro sobre um assunto da nossa escolha. Isso tudo para desenvolvermos a escrita, a metodologia de pesquisa, nossa capacidade de falar em público... enfim, eles querem nos fazer estudar enlouquecidamente.

Para a indignação de muitos estudantes, algumas das apresentações são justamente hoje e é claro que há um grupo de meninas da outra turma do nono ano falando sobre o Dia dos Namorados #mimimi. Para mim, isso se chama enrolação.com. Por que diabos alguém levaria cinco meses para pesquisar sobre o assunto? E que tema mais sem graça, né?

Eu estava duplamente ansiosa. Um, porque queria muito fazer a minha apresentação e, dois, porque tinha que correr para casa a fim de preparar a surpresa dos meus pais.

As meninas tiveram que segurar a minha mão, porque eu não conseguia parar de batucar no meu superprojeto de capa dura. O barulho até atrapalhou o grupo que estava no palco falando sobre um assunto interessantíssimo #SQN: *Jogadores brasileiros pelo mundo*. Bufe e olhei pela janela tentando me acalmar. Era tanta informação na minha cabeça que só voltei do mundo paralelo em que estava quando o pessoal aplaudiu sem muito entusiasmo o trabalho dos meninos. Eles desceram do palco: era a minha vez. Tive, por um momento, vontade de fugir dali. Minha barriga estava pesada, e eu não consegui nem me levantar de tão nervosa. As meninas me incentivaram e eu fui para a frente da sala, tentando me acalmar.

– Boa tarde – falei, um pouco gaga. – O tema que escolhi para o meu projeto é *Mulheres gamers*.

Ao dizer isso, alguns meninos se endireitaram nas cadeiras. Houve um bochicho, algumas pessoas se animaram, outras reviraram os olhos. E a Jéssica, é claro, fez uma de suas palhaçadas: fingiu espirrar falando “ridículo” ao mesmo tempo. Olhei para ela enfurecida e comecei minha apresentação.

– Ainda lutamos muito por nosso espaço na sociedade atual, que se diz igualitária, quando na verdade é dominada por machistas. Porém, mais importante que os direitos iguais é o respeito que as mulheres devem ter umas pelas outras e por si mesmas. – Voltei a olhar para todo mundo e comecei meu discurso sobre como as mulheres sofrem preconceito dobrado no mundo dos games, um universo dominado pelos homens. Apresentei informações que impressionaram muitos alunos, citando alguns jogos de sucesso criados por mulheres, como *Gears of War 3* e

Uncharted 3. As professoras responsáveis ficaram muito entusiasmadas e tive a certeza de ter tirado um “A”.

Missão #projetoescolar encerrada. Próximo passo: projeto #surpresadospais. Corremos para o supermercado e pegamos tudo que seria necessário. As meninas foram para casa se arrumarem para a festa do pijama, exceto a Amanda, que foi comigo a fim de me ajudar.

* * *

– Ok! – falei, colocando o pacote inteiro de espaguete na panela. – Sal e azeite. Algo mais?

– A principio, não – Amanda disse, checando na internet. Estávamos cozinhando ao som de John Mayer, porque todo mundo merece escutar aquela voz maravilhosa alguma hora do dia. Na hora de fazer a sobremesa, Amanda colocou para tocar a playlist #paracozinhar, que criamos especialmente para o momento. Nos animamos tanto que dançamos em cima do balcão da cozinha, coisa que eu nunca poderia fazer se o papai estivesse em casa. Já se a mamãe estivesse, subiria junto e, se duvidar, se penduraria no lustre. Dançamos enlouquecidas até a lista acabar e descemos exaustas.

– Precisamos dessas músicas na minha festa! – comentei, pegando meu caderninho na mochila. – Estou fazendo uma lista para mandar para o DJ. Você tem algum pedido especial?

– Que festa? – Amanda perguntou, me assustando, mas quando olhei para ela percebi que estava sendo sarcástica. – Eu não sei de festa nenhuma.

– Você sabe o que precisa saber – falei, pegando os ingredientes do doce, e ela se sentou no balcão com a cara emburrada. Eu me sentia muito cruel fazendo aquilo, mas combinei com mamãe que não contaria nada sobre a minha festa de quinze anos para ninguém!

– Isso é ridículo. Eu sou sua melhor amiga!!! – ela quase gritou. – Não estou entendendo todo esse mistério.

– Você vai saber quando for a hora certa.

– Ah, Bia! Até parece que você concordaria com essa frase se estivesse no meu lugar. Isso é coisa de filme e só fica bonito porque está na tela.

Eu comecei a rir dela.

– Você está viajando, Amanda.

– Não estou, não. E se eu começasse a esconder coisas de você? Tivesse segredos?

– Ai, Amanda, não seja dramática. É só uma festa!

– Não, é “A” festa! Eu preciso saber de todos os detalhes.

Fiquei quieta tentando fazer o assunto morrer e coloquei os ingredientes no liquidificador.

– Bia? – Ela voltou a insistir. – Quando você vai entregar os...

Liguei o liquidificador enquanto ela falava e deixei funcionando até ver a massa ficar homogênea. Por fim, ela desistiu.

– Por que você se dá tão bem com doces e não sabe nem fazer macarrão?

– Porque eu prefiro doces. Se você colocar um prato doce e um salgado na minha frente, eu escolho o açúcar.

Despejei o conteúdo em uma vasilha e coloquei no micro-ondas.

Com o doce e o macarrão encaminhados, arrumamos a minha mochila, pegamos os jogos e então fomos para a sala encher os balões de coração.

– Bia, não aguento mais – ela falou depois que enchemos um milhão deles. – Será que não está bom?

– Não. Precisamos encher até o chão ficar todo coberto.

– Não está muito cafona, Bia?

– E daí? O amor é cafona! Tão cafona que chega a ser fofo! – Sorri e voltei para a cozinha, deixando-a na sala com os balões.

– Muito engraçada você me abandonando aqui para fazer tudo – ela gritou para que eu escutasse.

– Você prefere ver se o macarrão está pronto? – gritei de volta.

– De modo algum! – ela disse, e eu sorri.

– Como é que eu sei se está bom? – perguntei, destampando a panela e encarando aquele monte de macarrão. – Amanda! – chamei, um pouco apreensiva.

– Oi! – Ela apareceu na cozinha.

– Eu tenho a leve impressão de que fizemos macarrão demais. – Ela olhou para dentro da panela e soltou uma gargalhada enorme.

– Quanto você colocou, Bia? – Ela ainda ria bastante.

– Ué, o pacote inteiro! – retruquei, sem entender.

– Bia!!!! – Ela voltou a gargalhar. – O pacote alimenta cinco pessoas – ela disse, me deixando boquiaberta.

– Por que você não falou isso antes?

– Eu falei! Você que estava empolgada demais cantando “Your Body Is a Wonderland”!

– O que eu vou fazer com isso tudo?

– Comer amanhã. – Ela conseguiu me acalmar.

– Mas e agora? – perguntei, ainda perdida.

– Agora o quê?

– Como eu sei se o macarrão está bom?

– Joga na parede – ela falou, e eu comecei a rir. – É sério, Bia!

– Eu já não me levo nem um pouco a sério na cozinha, e você ainda quer que eu taque macarrão na parede? Que nem criança?

– Sim! Tipo isso!

– Sério? Como assim? – Puxei um fio com um garfo e experimentei. – Eu não sei se está bom. Sou meio tapada para questões culinárias.

Ela veio para o meu lado, pegou o garfo da minha mão e enfiou na panela enroscando um único fio. Em seguida, com a maior cara de pau, tacou o macarrão na parede de azulejos da cozinha.

– Amanda! – gritei, um pouco surpresa. – Achei que você ia comer.

– Eu vou, já, já! – ela disse, e ficamos observando o macarrão escorrer pela parede.

– Que bonito isso – falei, debochando dela.

– Pode desligar o fogo – ela disse com muita convicção.

– Como você sabe? – perguntei, tentando entender o mecanismo e o segredo por trás daquela técnica.

– Se você jogasse e ele caísse, ainda não estaria pronto. Se ficasse grudado, já teria passado do ponto – ela explicou, sorrindo, e eu fiquei boquiaberta.

– Como sabe isso?

– Google! – ela respondeu enquanto o micro-ondas apitava.

– Chegou a hora de organizar tudo.

Pegamos as travessas mais bonitas e em uma colocamos o macarrão com o molho pesto que comprei pronto no supermercado. É claro que eles não precisariam saber desse detalhe. Na outra, o beijão que fiz para eles, que estava com um cheiro enlouquecedor. Pensei até em tirar um pedaço para mim, mas o remendo ficaria muito feio.

* * *

Cartinha para os meus pais: *confirmado*.

Jantar nas travessas: *confirmado*.

Sala cheia de balões: *confirmado*.

Velas na mesa da sala: *confirmado*.

Música romântica: *confirmado*.

Tudo estava no seu devido lugar e funcionando. Meus pais chegavam todos os dias às seis da tarde, e faltava exatamente um minuto para eles entrarem quando corremos para a cozinha com as mochilas. Na hora em que abri a porta dos fundos, escutei a maçaneta girando na sala. Sorri para Amanda e saímos nos sentindo orgulhosas: #missãocumprida.

O LADO BOM DA VIDA

Enquanto o Dia dos Namorados deixa muitas solteiras tristes e até desesperadas, eu entro em curto-circuito e acordo com #ódiomortaldavida por terem inventado esse dia. Minha desculpa é a de sempre: é um dia capitalista. Claro que me pergunto o que eu faria se tivesse um namorado. Será que iria morrer de amores e começar o dia cantando, reservaria algum restaurante, faria alguma surpresa fofa para ele? Será que seria piegas e daria caixa de bombons, coração de pelúcia e ursinho dizendo “eu te amo”?

Eca! Reprovei os pensamentos na mesma hora. Não sei se sou tão clichê assim, mas também não sei como seria a relação com o meu namorado, não sei como ele seria, como seríamos juntos... O Thiago é superdescolado, mas tem cara de quem mima suas namoradas, que leva flores e enche de beijos.

– Ô, Bia! – Amanda me deu um tapa no ombro, e eu acordei do meu sonho mágico. Meu coração já estava quase derretendo, imaginando o Thiago me dando flores e beijos. – Será que você pode me ajudar a escolher os chocolates?

– Desculpa. São muitas opções e todas deliciosas. Isso não se faz com ninguém na vida – disse, protestando. – É muita tortura.

– Você que inventou de comprar, ué.

– Ah, Amanda! Porque a gente precisa, né? Só muito chocolate para tirar o peso da solteirice. – Na mesma hora seus ombros caíram e ela ficou desanimada.

– A gente nunca vai arrumar um namorado, né? Quem vai nos namorar? Ninguém nem fala direito com a gente no colégio.

– Pensa no lado bom! – Sorri para ela. – Não sofremos bullying.

– Ah, ser chamada de nerd não é bullying?

– Não acho, Amanda. Não me sinto mal por isso. Seria pior se me chamassem de feia ou burra, sei lá. Ser nerd significa que sou inteligente, que estudo muito, e eu fico feliz! – Dei uma risadinha, me sentindo um pouco mentirosa.

Eu realmente acreditava que ser estudiosa era muito bom, mas obviamente o pessoal do colégio achava ridículo e nem um pouco *maneiro*, então sempre éramos excluídas dos passeios, festas e convites para a praia. Não que eu quisesse ir à praia, pois detesto. Mas gostaria de socializar mais, se fosse possível.

Este ano, pelo menos, e para a nossa surpresa, fomos chamadas para a festa de quinze anos

da Jéssica. Sabemos, com toda certeza, que fomos convidadas pela mãe dela, pois nesse tipo de festa não temos a opção de convidar só quem a gente quer. Se bem que a Jéssica faria isso feliz e a festa teria apenas meia dúzia de convidados. Afinal, quem ela chamaria? Só a Rita e alguns meninos, porque ela não fala com mais ninguém na escola. Essa nojentice não nasceu sozinha, os pais devem ter feito algo muito errado para ela sair esse pequeno monstro. Eu não teria nada contra ela se ela não tivesse nada contra mim, mas parece que sua diversão é nos atormentar e, quando alguém mexe com as minhas amigas, eu é que viro um bicho.

– Bia! A moça está esperando! – Amanda reclamou de novo e eu olhei para a atendente, que sorria para mim como se não estivesse esperando ali há séculos.

– Ai, desculpa! Eu não consigo escolher! – choraminguei, olhando para todas as opções.

– Bia, olha o tamanho da fila!

Eu tinha me desconectado totalmente de onde estávamos. A loja estava abarrotada de gente e alguns, um pouco sem paciência, tentavam passar na nossa frente.

– Mas, gente, por que isso tudo? – perguntei, ainda perdida.

– Bia! – Ela me repreendeu, me lembrando que era Dia dos Namorados.

– Ah, bando de gente desesperada. Comprassem antes. Esqueceu, deixou para a última hora e fica me empurrando. E euzinha, que só quero sentar no meu canto, chorar *à la* Bridget Jones ao som de “All by Myself”? – falei, levando Amanda e a atendente às gargalhadas. – Ok! Vamos lá. Eu quero uma trufa crocante, uma de limão siciliano, uma de pistache... não, duas!

– Por que duas?

– Por que uma vocês dividem e a outra eu como sozinha!

Comecei a rir maliciosamente, e ela me encarou com ar de reprovação.

– Duas de pistache! – reafirmei. – Uma tradicional, uma de Ovomaltine, uma de caramelo crocante e uma de caramelo salgado! – falei, alegre e já com água na boca. – Oito, certo? – A atendente assentiu e arrumou minha caixinha. – Ah! – gritei. – Quero também massa de cookie!

– Bia! Vamos perder a linha total hoje, né?

– E daí? Não temos namorados mesmo! Ninguém vai ligar para uns quilinhos a mais – disse, brincando.

– E ninguém vai nos querer, né?

– Ah, Amanda. Não começa, hein? Já te disse que temos que ser quem somos de verdade.

Você se sente bem como é? Então seja assim! Se o cara não me quiser com os quilinhos a mais de trufas no *corpicho*, ele não me merece! Até porque não deixarei de comer chocolate por nada desse mundo, nem pelo Harry Potter! – Ela riu. Pegamos nossa sacola, pagamos a conta e fomos para a casa dela.

– Trouxe pipoca de micro-ondas com caramelo, chocolate e groselha! – a Carol disse, muito animada, quando abrimos a porta para receber as meninas. Todas traziam sacolas de supermercado, que obviamente estavam cheias de porcaria.

– Bom, acho que não deveríamos ir à escola amanhã – Priscila falou. – *That's what I think.* – Todas rimos e fomos para a sala.

A casa estava vazia, os pais de Amanda tinham saído para jantar e disseram para não esperarmos por eles. Papai havia me mandado uma mensagem superfofa agradecendo pelo jantar e dizendo que me colocaria num curso de culinária. Acho que errei feio no macarrão.

Sentamos nos pufes da sala e, enquanto a Priscila tagarelava sobre sua tarde, jogamos as gulosices sobre a mesa de centro. Carol tirou da bolsa uma barra de chocolate e olhei para ela com cara de reprovação. Ela sabia que eu era uma chocólatra muito exigente.

– Você não precisa comer, a gente come! – Roberta brigou comigo.

– Mas qual é a graça de estar na fossa e não comer chocolate? Você só precisa comer o chocolate certo! – disse, brigando com elas.

– Mas qual é o problema com esse? – Carol perguntou inocentemente.

– Não, Carol! Ela vai começar tudo de novo! – Amanda bateu na testa e encostou na poltrona.

– O problema é que isso que está na sua mão não é chocolate! É açúcar! – ignorei a Amanda, mas ela se levantou e abriu a minha mochila para pegar os jogos.

– E aí, meninas? Vamos jogar?

– Ei! – protestei.

– Ninguém quer aula hoje, Bia! Depois você explica para ela a história dos 25% de cacau e blá-blá-blá – ela disse, revirando os olhos, e eu bati na perna dela de brincadeira.

– Ok!

De qualquer forma, peguei a minha sacolinha e coloquei todas as trufas em cima da mesa, deixando a Carol boquiaberta:

– Eu sempre quis comer lá, mas nunca tive coragem de entrar.

– Por quê? – perguntei.

– Sempre achei que fosse caro.

– Não é caro.

– Mas não é barato, né, Bia? – Amanda protestou.

– É mais barato que muitos outros lugares e é muito mais gostoso! – briguei com ela. – Além

de ter as melhores trufas *EVER!*

Passei a caixinha para as meninas, que estavam ansiosas para provar aquelas delícias. Amanda sentou-se novamente, empolgada.

– Qual será o primeiro jogo da noite? Munchkin? Ligretto? Cubu? Game of Thrones? Ticket to Ride?

– Munchkin! – exclamei, animada, mas as meninas não concordaram.

– Acho Ligretto melhor para começar. Munchkin demora mais – Amanda observou, já abrindo as caixas.

– Ok, Ok – falei, fingindo não ter gostado, mas eu era viciada em Ligretto e não tinha problema nenhum em começar com ele ou até jogar só aquilo a noite inteira.

Lá pelas tantas, com a barriga entupida e cansadas de jogar, estávamos todas deitadas no chão, quase desmaiadas. Ninguém mais lembrava que do lado de fora havia casais apaixonados comemorando aquele fatídico dia. Conversávamos sobre os meninos da escola, analisando-os e dando notas. A gente gargalhava com os comentários de cada uma *#diversão.com*.

– E o Juca? – Amanda perguntou sobre o menino do primeiro ano em que as meninas davam em cima.

– Ele parece um pato! – comentei, desencantada. – Vocês já viram o jeito que ele anda? – Elas riram muito. – É muito estranho, gente! Ele levanta os pés para trás!

– TRÊS PONTO DOIS! – Roberta falou com voz de narrador de resultado de escola de samba.

– Bruno! – Priscila gritou, animada.

– Ah, não vou avaliá-lo – falei, protestando.

– Por que não? Ele é bonitinho.

– Sei lá. É estranho. Não quero participar dessa.

– Aaaaah, Bia, deixa de ser boba! Eu pegava. – Roberta riu, me deixando desconfortável.

– Ele é praticamente meu irmão, não tem nada disso. Não consigo vê-lo dessa forma.

– Eu te entendo – disse a Amanda. – Ele nem é meu melhor amigo, mas eu também não consigo mais enxergá-lo como menino – ela comentou, fazendo a Roberta gargalhar.

– Tadinho! *He'll kill himself* se souber disso! – Priscila falou.

– Por quê? – perguntei, espantada.

– Nenhum homem gosta de virar “irmão”, aquele carinha fofo e muito menos não ser visto como um menino! Nunca falem isso para ele. – Ela voltou a rir.

– Ok! Thiago! – puxei, mudando de assunto.

– Biaaaaa! – Todas gritaram ao mesmo tempo, e eu morri de rir.

– *You are so into him!* – Priscila me zoou, dizendo que eu era a fim dele.

– Eu não te entendo – Amanda protestou. – Tudo bem que ele é muito lindo e tal. Mas não conseguiria manter uma conversa com você por mais de cinco minutos.

Todas ficamos em silêncio.

– E quem disse que eu quero conversar? – brinquei.

As meninas caíram na gargalhada.

– Aliás – Carol interrompeu –, você vai pegar ele na sua festa, né?

– Como assim “vou pegar”? Como se essa opção fosse real – zombei.

– Por que não? – Amanda perguntou.

– Ah, Amanda. Estávamos conversando sobre isso hoje ainda. Quem vai querer ficar comigo?

Eu sou a mais nerd do grupo.

– É, Amanda! – Priscila concordou. – Somos todas *freaks*!

Ficamos quietas analisando a situação.

– Maaaaas... – Roberta falou. – Poderíamos fazer você dançar com ele! – A ideia fez todas se animarem, inclusive eu, que não deveria ter esperança nenhuma.

– Como? – perguntei.

– Ah, isso são outros quinhentos. Já dei a ideia genial! – Ela riu.

– E a festa, hein, Bia? – Amanda voltou a perguntar. Ela nunca se cansava e agora havia aproveitado o momento mais oportuno, porque tinha o apoio de todas as meninas.

– É verdade!

– Onde vai ser?

– Vai ter surpresa?

– O que você vai vestir?

– Você terá um príncipe?

– Qual vai ser o tema da festa?

– Haverá muitos docinhos?

– Vai contratar que DJ?

Minha cabeça começou a girar com tantas perguntas ao mesmo tempo. Por um lado me doía não compartilhar com as meninas tudo sobre a festa perfeita que eu estava preparando, mas por outro eu queria manter o suspense e ver a reação delas sobre as coisas incríveis que eu havia pensado e planejado. Começando pelo local, que as enlouqueceria de empolgação por semanas.

– Ah, Bia! Você não vai falar nada? – Amanda reclamou, e todas olharam para mim esperando uma resposta.

– *Nop!* – Me segurei muito, fechando a boca com as mãos, como se ela fosse falar sozinha. – Obrigada por serem minhas “Valentinas” – brinquei, encerrando o assunto.

Saí da sala e fui para o quarto da Amanda, onde tínhamos preparado um acampamento. Não queria que elas me perguntassem mais nada, era muito difícil manter segredo. Mas eu precisava me segurar só mais um pouquinho. *Só mais um mês!*, falei para mim mesma.



Copyright texto © 2014 *by* Luiza Trigo

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
ELISA MENEZES

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
PATRÍCIA ROMÃO

Edição Digital: maio 2014

T747v

Trigo, Luiza

As Valentinas [recurso eletrônico] / Luiza Trigo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

ISBN 978858122-392-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-11583

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Luiza Trigo é formada em Cinema e seu filme favorito é *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*. Sempre adorou ler romances e, desde que criou *Carnaval*, seu primeiro romance, vem se envolvendo mais e mais com a escrita, mirabolando e inventando novas histórias.

A autora mostra suas criações e trabalhos no site www.lulytrigo.com